



ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ

Porto Barreiro – PR

(em um acampamento de famílias Sem Terra)



Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 38 - Março de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunista:

Ana Paula de Lima

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Anildo Joaquim da Silva

Isabel Delfina Casimiro e Luís Venâncio

Jucélia Maria do Nascimento

Jucira Moura Vieira da Silva

Juliana Godoi Marques

Leidimar Martins da Rocha Almeida

Leila da Silva Siqueira

Luciana Mendes do Rego

Marlene da Silva

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Rita de Cássia Martins Serafim

Vera Lucia Meneses de Lima Marques

Viviane de Cássia Araujo

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 38 (mar. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 132 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.38

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.38>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Profª. Vilma Maria da Silva

06 Refletindo sobre pessoas... aprendendo com elas

Ana Paula de Lima

07 Tempo

BEATRIZ GONÇALVES DA SILVA – 9ºC

08 A arte

FRANCESCO RODRIGUES MOREIRA - 9ºA

10 ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ

Porto Barreiro-PR

(em um acampamento de famílias Sem Terra)



ARTIGOS

1. SEGURANÇA DE INFORMAÇÃO NO AMBIENTE DA COMPUTAÇÃO NA NUVEM Anildo Joaquim da Silva	13
2. O PAPEL DOS SINDICATOS E OUTROS ACTORES NA ELABORAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS EM ANGOLA Isabel Delfina Casimiro /Luís Venâncio	27
3. EDUCAÇÃO INFANTIL: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA Jucélia Maria do Nascimento	39
4. O BRINCAR E OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Jucira Moura Vieira da Silva	47
5. A PSICOPEDAGOGIA E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO Juliana Godoi Marques	55
6. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA ATUALIDADE Leidimar Martins da Rocha Almeida	63
7. GÊNEROS TEXTUAIS E SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL Leila da Silva Siqueira	71
8. PEDAGOGIA HOSPITALAR, UMA PRÁTICA, GARANTINDO O DIREITO A EDUCAÇÃO Luciana Mendes do Rego	81
9. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL Marlene da Silva	89
10. CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E COGNITIVO Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	97
11. TECNOLOGIAS PARA A APRENDIZAGEM Rita de Cássia Martins Serafim	107
12. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Vera Lucia Meneses de Lima Marques	115
13. AS PRÁTICAS CORPORAIS POR MEIO DA DANÇA E DO TEATRO Viviane de Cássia Araujo	123

APRESENTAÇÃO

Os professores desempenham um papel crucial no desenvolvimento educacional e intelectual de seus alunos, mas também têm um papel importante a desempenhar na pesquisa e publicação de seus estudos. A pesquisa acadêmica é fundamental para avançar o conhecimento em uma determinada área e para aprimorar a qualidade do ensino em geral.

Quando os professores pesquisam e publicam seus estudos, eles contribuem para o avanço do conhecimento em sua área de atuação e ajudam a criar uma cultura de aprendizado contínuo. Ao conduzir pesquisas, os professores têm a oportunidade de aprofundar sua compreensão de tópicos específicos e descobrir novas informações que podem ser aplicadas em suas aulas.

Além disso, a publicação de estudos ajuda a disseminar essas descobertas e contribuições para uma audiência mais ampla, incluindo outros professores, pesquisadores e estudantes. Isso pode levar a novas colaborações e oportunidades de pesquisa, bem como a uma melhor compreensão dos desafios e oportunidades enfrentados pelos educadores.

Por fim, a pesquisa e publicação de estudos também pode ser uma fonte de inspiração para os alunos, mostrando-lhes que seus professores estão engajados em aprender continuamente e que valorizam o conhecimento e a descoberta. Isso pode motivar os alunos a se tornarem mais envolvidos em suas próprias pesquisas e estudos, criando assim uma cultura de aprendizado e descoberta contínua.

Nós, da Revista Primeira Evolução, temos orgulho de proporcionar um espaço inclusivo e colaborativo para que os profissionais da educação publiquem seus estudos, pesquisas e experiências. Fazemos isso porque amamos a educação, conhecemos e vivemos a realidade das salas de aulas e nos dedicamos diariamente ao bem-estar e à emancipação do ser humano.

Junte-se a nós. #Junt@sSomosMaisFortes



Profª. Vilma Maria da Silva

Pedagoga, especialista em Educação Especial e Alfabetização.

Coordenadora Editorial da Edições Livro Alternativo

vilmamedrado@gmail.com

EDUCAÇÃO INFANTIL: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

JUCÉLIA MARIA DO NASCIMENTO

RESUMO

Este artigo tem a intencionalidade discutir a inclusão das crianças com Transtorno do Espectro Autista TEA na Educação Infantil, dando ênfase nas práticas e os desafios deste processo em construção. A pesquisa desenvolvida é de cunho bibliográfico, sendo que, para efetivação da mesma, foi reunido um amplo material sobre o tema objeto de escolha. Pode-se concluir que é possível a inclusão na Educação Infantil prevalecendo o olhar positivo, porém com muitos desafios e obstáculos que podem ser superados a partir de políticas públicas de inclusão.

Palavras-chave: Autismo. Educação Infantil. Infância. TEA. Vivências

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço democrático, que deve estar aberto e preparado para receber todos os alunos. A Educação Infantil, fase inicial da formação acadêmica, representa o primeiro contato das crianças com esse universo repleto de aprendizados e novas descobertas. E a inclusão neste período é fundamental, pois além de todos os desafios que o pequeno terá ao iniciar a socialização, é preciso levar em conta que esse é um dos primeiros momentos em que o estudante estará longe dos olhares de sua família.

A inclusão foi criada com o intuito de reconhecer as diferenças e valorizar essas características por meio de atividades que favoreçam as potencialidades de cada um. Todas as crianças têm direito à educação em classes do ensino regular, em escolas abertas à comunidade, onde se ofereça um ambiente educativo de qualidade e se vá ao encontro das necessidades pedagógicas e terapêuticas. Além disso, para que o projeto inclusivo seja colocado em ação, há necessidade de uma atitude positiva e disponibilidade do professor para que ele possa criar uma atmosfera acolhedora na classe.

Mantoan (2003) diz ainda que incluir é ensinar a todos em um mesmo espaço educacional e o princípio da inclusão implica uma mudança de paradigma, ou seja, de transformação, de subversão, de tentativas e de propostas.

A criança é um sujeito social que se constitui a partir da existência do outro, pois apresenta uma cultura, uma história, que deve ser considerada no espaço escolar, pois as ações partilhadas com o outro diversificam e enriquecem as relações e experiências infantis, valorizando as ações do coletivo, pois a aprendizagem e o desenvolvimento não ocorrem de

forma isolada e sim compartilhada. Vygotsky “[...] quando fala em interação social está se referindo a ações partilhadas, ou seja, a processos cognitivos realizados não por um único sujeito e sim por vários” (SOUZA, 2007, p. 146).

Este artigo tem como objetivo discutir a inclusão das crianças com autismo na educação infantil, dando ênfase nas práticas e os desafios deste processo em construção. E como objetivos específicos definir o Transtorno do Espectro Autista TEA e buscar vivências que promovam a autonomia das crianças na Educação Infantil.

Deste modo, no presente estudo, buscou-se discutir alguns elementos, referentes à inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar, com enfoque na Educação Infantil, bem como até que ponto o processo de inclusão ocorre efetivamente neste espaço. Surgindo tais questionamentos Os professores estão habilitados a atender as crianças com deficiências? Como deve acontecer a inclusão escolar? Crianças com algumas limitações, precisam ter uma atenção muito maior no processo de ensino e no seu dia a dia? Frente a estes questionamentos e inquietações, surge a questão, problema deste estudo: como acontece a inclusão de alunos com deficiência na Educação Infantil?

Sob os aspectos metodológicos o estudo caracteriza-se de cunho bibliográfico, exploratório e descritivo, tendo como subsídios documentos, legislações e estudos referentes ao tema. A pesquisa bibliográfica é um procedimento metodológico, e tem como objetivo, buscar soluções para um problema, pode ser caracterizada como uma revisão teórica ou bibliográfica

Educação inclusiva e a educação infantil vivem em processo contínuo de reconhecimento da criança como ser social que produz conhecimento e cultura que nela é produzida e reproduzida. A escola atualmente tem a responsabilidade de perceber e aceitar seus alunos com suas necessidades e motivações diferenciadas e, a partir daí, ofertar também metodologias distintas que atendam a essas necessidades para seu bom desempenho educacional e global.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA NA INFÂNCIA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, contém um capítulo destinado à educação especial. Em seu Art.58 entende a educação especial como modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades educacionais especiais (BRASIL, 1996). Essa modalidade, ao ser adjetivada como escolar, marca também o distanciamento do modelo médico- psicológico e clínico, característica que ainda resiste nas práticas de muitos profissionais da educação especial (PRIETO, 2008).

Mantoan (2006) ressalta que o direito à educação para todos não se limita a cumprir apenas o que consta na lei e aplicá-la. Segundo a autora,

Há que assegurar não apenas o acesso, mas a permanência e o prosseguimento do estudo desses alunos e não retirar do Estado, por nenhum motivo, essa obrigação, exigindo, postulando o cumprimento das leis, para atender às necessidades educacionais de todos (p. 25)

Embora a chegada das crianças com deficiência na Educação Infantil suscite inúmeras tensões acerca de concepções e práticas, está evidenciado que sua permanência neste espaço educacional é necessária. Por um lado, é a sua presença que nos fará buscar avanços na produção de conhecimentos e na efetivação de políticas públicas. Por outro lado, é indiscutível que os processos de estimulação que ocorrem no contexto das creches e pré-escolas são fundamentais e contribuem para que as crianças superem suas limitações, sejam estas físicas, sensoriais ou cognitivas. (MASINI, 2009)

Partimos do pressuposto de que o atendimento das crianças público alvo da educação especial, de 0 a 5 anos, em creches e pré-escolas, é reconhecido como condição essencial para seu desenvolvimento e vem sido chamado de intervenção precoce. “A intervenção precoce está embasada na hipótese fundamental de que as crianças com dificuldades diferem de algum modo das crianças com desenvolvimento normal.” (Mendes, 2010 p.49). Desta maneira, quanto mais cedo a criança público alvo da educação especial for estimulada e ter a oportunidade de conviver com outras crianças da mesma idade, melhor será seu desenvolvimento e aprendizagem.

Em relação à Escola Inclusiva, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) destaca que:

Seu principal desafio é desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todos sem discriminação, respeitando suas diferenças. Uma escola que dê conta das diversidades das crianças e ofereça respostas adequadas às suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário. (BRASIL, 1998, p. 36).

Assim, a Educação Infantil é importante não só para atender a inclusão da criança que já apresenta uma deficiência comprovada, mas também para a prevenção de déficits no desenvolvimento daquelas que se apresentam em ambiente de risco, ou seja, que não têm suas capacidades e habilidades estimuladas no ambiente familiar. Nestes casos, a escola pode complementar essa formação, na medida em que tem a responsabilidade de promover o desenvolvimento integral das crianças.

A realidade de cada criança deficiente é única. Não existem critérios gerais de como deve ser o seu ensino. O professor precisa observar e perguntar, analisar e ouvir para compreender as necessidades de cada aluno, os sentimentos e os seus pontos de vista, estando atento sempre às relações que esses alunos estabelecem com seus colegas nos momentos de atividades e de recreação. As ações dos colegas diante dos alunos com deficiência se mostram como um fator decisivo para a inclusão social. As atitudes das crianças dependem, em grande parte, das atitudes observadas em seus pais e nos professores, mas programas educacionais que favorecem a comunicação e o conhecimento contribuem de forma significativa para facilitar o processo de inclusão social nas escolas.(BIAGGIO, 2007)

Diante deste panorama, a concepção de educação inclusiva tem se fortalecido no sentido de que a escola tem que se abrir para a diversidade, acolhê-la, respeitá-la e, acima de tudo, valorizá-la como elemento fundamental na constituição de uma sociedade democrática

e justa. Essa concepção pressupõe que a escola busque caminhos para se re-organizar de forma a atender todos os alunos, inclusive os com deficiência, cumprindo seu papel social.

Victor (2009) ao organizar um estudo a respeito da inclusão, formação de professores e alunos com necessidades especiais no cotidiano da educação infantil, propõe uma reflexão em torno da formação dos professores. A relação entre as leis, as práticas, a concepção de criança e os saberes dos professores que atuam na educação infantil, mostra um desencontro da legislação e a sua efetivação. Concordo com a autora ao destacar que diminuimos a capacidade infantil quando consideramos que a frequenta a escola somente para socialização, pois ela é um ator social que interage com o meio em que vive tendo o direito e a capacidade de compartilhar, negociar e criar culturas com os seus pares e com os adultos.

O desafio que se coloca à escola é o de encontrar formas de responder efetivamente, às necessidades educativas de uma população escolar cada vez mais heterogênea, de construir uma escola efetivamente inclusiva, uma escola que a todos aceite e os trate de forma satisfatória e promissora. Afinal, “[...] a proposta de educação inclusiva traduz uma aspiração antiga, se devidamente compreendida como educação de boa qualidade para todos e com todos buscando-se, meios e modos de remover as barreiras para a aprendizagem e para a participação dos aprendizes, indistintamente” (CARVALHO, 2004, p. 64).

ABORDANDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA

O autismo é uma Síndrome que causa estigmas e sofrimento inesperado nas famílias. É de origem desconhecida, o que torna o autismo um desafio para a ciência, descreveu como sendo causas: Genética, malformações orgânicas, Imunidade, Peri natais, dentre outros. E afetará a criança em seu pleno desenvolvimento, principalmente em três áreas cognitivas na criança, que será na linguagem, interação social e no comportamento com estereotípias havendo necessidade de intervenção precoce dos sinais e sintomas e tratamento com equipe multidisciplinar. (KLIN, 2013).

Segundo Silva ET AL (2012), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade e se prolonga por toda a vida”. Para a mesma autora, e também para outros autores, o TEA caracteriza-se por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, e salienta que, dentre estas áreas, geralmente a mais comprometida é a interação social (SILVA et al, 2012, p.6)

Em relação à etiologia do autismo, segundo Klinger (2010), existem três modelos que interpretam suas causas: o psicodinâmico, o orgânico e o intermediário. No psicodinâmico, a criança é considerada biologicamente “normal” ao nascer, e o aparecimento dos sintomas é visto como algo complementar e atribuível a condutas inapropriadas dos pais. Na modelo orgânico, o autismo é visto como uma anomalia anatômica ou fisiológica do sistema nervoso central. Fazendo uma associação entre esses esquemas surge o modelo intermediário, sugerindo que a criança nasce biologicamente deficitária e frágil e que os pais possuem uma dificuldade em assisti-la.

Desta forma, o ambiente sociocultural e afetivo da criança com TEA deve ser enriquecido como situações do tipo iniciação esportiva e atividades sociais, considerando que

essas situações desencadeiam uma variedade de estímulos, normalmente, supervisionados pelos pais já orientados sobre o TEA (TEIXEIRA, 2016). Do mesmo modo, a interação com outras crianças da mesma faixa etária proporciona contextos sociais que permitem vivenciar experiências que dão origem à troca de ideias, de papéis e o compartilhamento de atividades que exigem negociação interpessoal e discussão para a resolução de conflitos.

Ainda, segundo Marcelo Martins (2019, p. 5), o transtorno do Espectro Autista é uma síndrome intrigante, complexa e que, apesar de enormes avanços alcançados por meio de estudos, pesquisas, descobertas etc. ainda carecem de algumas respostas. Por isso, pode ser comparado com um grande quebra-cabeça.

VIVÊNCIAS QUE TRAZEM AUTONOMIA A CRIANÇA AUTISTA

Pensando em vivências é preciso refletir sobre como podemos nos integrar ao mundo desta criança, fazer parte, olhar para ela e buscar contato para que ela te perceba e permita que possamos interagir e brincar. Esta criança pode se integrar com outras, mas para isso o mediador precisa estar disposto a lidar com seus comportamentos inadequados, podendo levar algum tempo até que ela se acomode ao grupo.

Em relação às vivências, elas podem ser individuais e coletivas desde que aja mediação para oferecer condições para o pleno desenvolvimento do bebê e/ou criança. As mediações são essenciais no aprendizado, porém é necessário que ocorra de forma plena fazendo com que a criança sintam-se integrada ao grupo, sendo pertencente a ele. A questão é dar condições reais ao sujeito autista aprender e se desenvolver em toda sua potencialidade.

Lopes e Pavelacki (2005, p. 3) ressaltam que além das técnicas que se deve utilizar em sala, a rotina diária é muito importante na educação do autista, a qual não deve ser alterada, pois qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança.

Por isso, a vivência com crianças autistas precisa conter rotinas e instruções visuais. No entanto, são necessários professores com habilidade e com experiência para promover a aprendizagem, conhecendo os métodos e adaptando-os à necessidade do aluno. Além disso, é de vital importância a colaboração entre a família e a escola, pois quanto mais alinhados estiverem melhores serão os resultados. É nesse contexto que a tecnologia digital pode se tornar uma importante ferramenta para a ação coletiva.

Existem alguns hábitos dos autistas como manter sempre um objeto no mesmo lugar, sua rotina sempre é a mesma todos os dias, o autista não gosta de ter contato visual direto com os olhos, quando chamado pelo seu nome ele não reage, isso pode prejudicar na sua aprendizagem.

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma a instruir os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2003, p.12).

É importante ressaltar que, na educação, não existem modelos, mas adaptações que facilitam a aprendizagem. Sendo assim, o primeiro passo parte da família ao procurar

entender a importância da escola na vida da criança e a necessidade de matriculá-lo. Ir à escola, conhecer todo o espaço físico, a equipe, a comunidade escolar e todo o corpo docente são importantes para se ter maior tranquilidade ao deixar a criança sob os cuidados da instituição.

Através da observação e da intervenção é possível verificar que as atividades lúdicas estão presentes na escola em alguns momentos. É perceptível, a necessidade dos jogos e brincadeiras para favorecer a inclusão, porém nem sempre é possível fazê-lo devido ao grande número de alunos na sala. As necessidades específicas de cada um não serão apenas determinadas pelas suas dificuldades de desenvolvimento, mas principalmente na forma como estas se organizam no contexto em que a aprendizagem acontece.

Desta forma, ADAMUZ et al discorre:

Com a ajuda do brinquedo, a criança pode desenvolver a imaginação, a confiança, a autoestima e a cooperação. O modo como a criança brinca revela seu mundo interior. O brinquedo contribui assim, para a unificação e a integração da personalidade e permite à criança entrar em contato com outras crianças. (ADAMUZ; BATISTA; ZAMBERLAN, apud: SANTOS, 2000, p. 159).

Assim proporcionar brincadeiras às crianças com autismo que estimule confiança, em si mesma, além de coordenação corporal e relações positivas com o outro favorece no seu estímulo. Compreendendo assim, aquela é uma criança que precisa ser amada acima de tudo e estimulada um pouco mais para que se desenvolva. É através da brincadeira que crianças desenvolvem suas habilidades, construindo assim seu próprio espaço de acordo com o prazer que sente diante dessas atividades.

As brincadeiras de uma forma geral devem ser estruturadas e proporcionarem um momento agradável no qual todos sejam incluídos. Para estimular a interação da criança autista com os outros, neste caso podendo ser tanto outras crianças quanto o professor ou a família, pode-se utilizar as brincadeiras de roda que são muito significantes para que a mesma compreenda a importância do coletivo na construção da brincadeira.

Saldanha (2014) nos traz que através do caráter simbólico na atividade lúdica, a criança compensa-se de frustrações e insatisfações, fazendo representação do objeto ou de situações ausentes, a autora afirma que a criança com autismo possui dificuldade extrema em desenvolver o jogo simbólico de brincar de faz de conta, mas que esse não é um fato impossível de acontecer ensinando-as os jogos de faz de conta com técnicas de mudança de comportamento, na medida em que interage com os outros, permitindo assim que a criança entre no mundo de fantasia.

Neste sentido, pode-se pensar em intervenções que contemplem novos olhares, novas formas de escuta e novos planejamentos de estratégias de ensino aprendizagem para esses educandos. E nunca esquecer que o vínculo é o grande agente que possibilita e dinamiza o aprendizado e a formação de laços sociais saudáveis (Pichon-Rivière, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente não é possível ignorar a diversidade da população escolar, que decorre de diferentes interesses, experiências, vivências, estilos cognitivos, estilos de aprendizagens, entre outros, que se entrecruzam nos contextos escolares e que devem ser objeto de intervenções individualizadas e apoios educativos apropriados. A escola dos nossos dias confronta-se com uma grande heterogeneidade social e cultural. Esta realidade implica uma outra concepção de organização escolar que ultrapasse a via da uniformidade e que reconheça a diferença considerando, assim, a diversidade como um aspecto enriquecedor da própria comunidade.

A busca de bons resultados do movimento de inclusão na educação requer uma postura aberta e comprometida do educador, um olhar atento sobre a criança, pois ela se encontra em um contínuo crescimento e desenvolvimento. Ao buscar compreender suas características e necessidades específicas, construindo uma parceria entre a escola e a família, será possível melhor compreender essa criança proporcionando as condições adequadas para seu desenvolvimento, aprendizado, interações com independência e autonomia num ambiente inclusivo.

A educação como direito de todos exige que se tenha em conta as necessidades e características de cada criança e que se proporcionem os meios e estratégias mais adequadas para a sua inclusão no sistema educativo nacional, de forma a criar um a geração de jovens interventivos, críticos e intervenientes na sociedade.

Melhorar a qualidade da educação vai muito além da promoção de reformas curriculares, implica antes de tudo a criação de novas formas de organização do trabalho na escola, que não apenas se contraponham às formas contemporâneas de organização e exercício do poder, mas que constituam alternativas práticas possíveis de se desenvolverem e de se generalizarem, pautadas não pelas hierarquias de comando, mas por laços de solidariedade, que proporcionem formas coletivas de trabalho, instituindo uma lógica inovadora no âmbito das relações sociais.

Vale lembrar a necessidade de um maior suporte técnico pedagógico aos docentes, e uma estrutura e organização escolar focada na inclusão e na consolidação da parceria entre a família e a escola, pois à medida que os professores sentirem-se acolhidos em suas angústias e dúvidas e apoiados em suas decisões pedagógicas, poderão incorporar novas estratégias e reconstruir suas práticas na direção da inclusão de todos seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIAGGIO, Rita de. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré – escolas. **Revista Criança**, Brasília, n.44, p.19-26, nov.2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 15 maio. 2022.
- CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- KLIN, A. **Autismo e síndrome de asperger: uma visão geral**: ver. Klin. Psiquiatr. V. 28 (suplI); ps3/511,2006.

-
- KLINGER, Ellen Fernanda. **O brincar e as estereotípias em crianças do espectro autista diante da terapia fonoaudiológica de concepção interacionista**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.
- LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. **Técnicas utilizadas na educação de autistas**. 2005. 11 p. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2022.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.
- MARTINS, Marcelo. **Transtorno do espectro autista – TEA: quem são os autista?: aspectos teóricos**. São Paulo, Uniasselvi, 2019.
- MASINI, E. A. F. S. Quais as expectativas com relação à inclusão escolar do ponto de vista do educador? **Temas Sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v.7, n.42, p.52-54, 2009.
- MENDES, Eniceia G. **Inclusão marco zero: começando pelas creches**. Araraquara. SP: Junqueira&Marin, 2010.
- Pichon-Rivière, H. (1995). **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes.
- PRIETO, R. G. Política de educação especial no Brasil: evolução das garantias legais. In: **SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA**, 11., 2008b, Vitória. Anais... Vitória: UFES, 2008. p. 15-27.
- SALDANHA, Ana .E. **O jogo em crianças autistas**. Lisboa: Coisa de Ler, 2014.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.
- SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância**. São Paulo: Cortez, 2007.
- TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. Rio de Janeiro. Best Seller. 2016.
- VICTOR, Sonia Lopes. 2009 **Sobre inclusão, Formação de professores e alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da educação infantil**. Disponível em https://anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2009/333.pdf. Acesso em 10 maio. 2022.

Jucélia Maria do Nascimento

Licenciada em Pedagogia Plena pela Faculdades Integradas Teresa Martin, SP. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

UÇÃO

Revista n. 37 Maio 2023
ISSN 2675-2573

Revista **a EVOLUÇÃO** n. 38 Maio 2023
ISSN 2675-2573

ESCOLA CÂNDIDA OLIVEIRA LUZ
Porto Barreiro – PR
(em um acampamento de famílias Sem Terra)

www.primeiraevolucao.com.br

ABEC BRASIL, OJS / PKP, CiteFactor, Google Acadêmico

ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Anildo Joaquim da Silva
Isabel Delfina Casimiro e Luís Venâncio
Jucélia Maria do Nascimento
Jucira Moura Vieira da Silva
Juliana Godoi Marques
Leidimar Martins da Rocha Almeida
Leila da Silva Siqueira
Luciana Mendes do Rego
Marlene da Silva
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Rita de Cássia Martins Serafim
Vera Lucia Meneses de Lima Marques
Viviane de Cássia Araujo



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.38>

Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

